

Reflexões sobre Manoel Bomfim: escrita da história entre envolvimento/distanciamento

Beatriz Anselmo Olinto
Universidade Estadual do Centro-Oeste - UNICENTRO
Guarapuava, PR

Resumo: O presente artigo é uma pequena reflexão sobre a posição do historiador em seu ofício. Busca-se apontar limites e interdependências da objetividade e da subjetividade na escrita da História, a partir das análises desenvolvidas por Manoel Bomfim (1868-1932). Com isso, procura-se estabelecer pontos de diálogo entre esse autor e Norbert Elias (1897-1990), principalmente no que se refere às noções de envolvimento e distanciamento do pesquisador nas Ciências Sociais.

Palavras-chave: Envolvimento. Distanciamento. Escrita da história. Manoel Bomfim.

Abstract: This article is a brief reflection on the position of historian in his job. It stands out limits and interdependencies of objectivity and subjectivity in the History's writing, from the analysis developed by Manoel Bomfim (1868-1932). With this, it aims to establish points of dialogue between the author and Norbert Elias (1897-1990), especially regarding the notions of involvement and detachment of the researcher in the Social Sciences.

Key words: Involvement. Detachment. History's writing. Manoel Bomfim.

O presente artigo é uma pequena reflexão sobre a posição do historiador em seu ofício. Busca-se apontar limites e interdependências da objetividade e da subjetividade na escrita da História, a partir da análise de aspectos e propostas presentes na obra de Manoel Bomfim. Com isso, procura-se estabelecer pontos de diálogo entre esse autor e algumas reflexões de Norbert Elias. Pois que, para esse autor: “O envolvimento, portanto, também se refere ao foco de interesse e à afetividade do conhecimento”. (ELIAS, 1998, p. 32).

Na frase acima, Elias, destaca que o envolvimento do pesquisador com seu objeto de estudo é uma questão de interesse e de afetividade, pois que esses dois aspectos perpassam a relação sujeito/objeto do conhecimento. Tal questão coloca-se principalmente nas Ciências Sociais, nessa área, conhecer é defrontar-se consigo mesmo, é fazer um conhecimento envolto e produzido a partir de um grupo ao qual se pertence e que fornece o fundo social de conhecimento do qual se parte.

Partindo dessa reflexão, realizada por Norbert Elias (1897- 1990) no início dos anos 80, do século XX, o presente artigo levantará pontos de contato entre as noções de envolvimento e distanciamento do autor com a análise da escrita da História, presente nas obras de Manoel Bomfim (1868-1932), nas primeiras décadas daquele mesmo século.

Em artigo anterior sobre a presente pesquisa (OLINTO, 2006), foi abordada a construção de identificações por Bomfim com vistas a uma pedagogia da nação brasileira. Agora serão apresentados os apontamentos iniciais que buscam levantar questionamentos sobre a obra desse autor por meio de um instrumental teórico ancorado em Norbert Elias.

Justifica-se isso, pois que Bomfim, bem em acordo com o meio intelectual brasileiro do início do século XX, possuía, por um lado, a fé no progresso humano derivado do conhecimento científico, porém, por outro lado, não percebia nenhuma contradição entre o seu papel de agente social engajado em um projeto nacional e a cientificidade da sua escrita da história. Muito pelo contrário, para ele, o envolvimento era o caminho para o conhecimento:

Há, no entanto, que só o afeto predispõe para essa condensação de experiência em que se institui a verdade. Por isso mesmo, todo legítimo pensamento, antes de ser pensado, foi sentido – desejo, em projeção para a vontade. (BOMFIM, 1996, p. 36).

Bomfim também percebe a afetividade como parte integrante do processo de conhecer, como o princípio do engajamento do intelectual. Contudo, entre percebê-la como inerente, instituidora de verdade, ou ao contrário, buscar o controle dessa afetividade envolvida para possibilitar o conhecimento do outro, instaura-se a distância entre os autores aqui abordados.

Manoel Bomfim: um intelectual envolvido

Para refletir sobre alguns aspectos da percepção de História desenvolvida por Manoel Bomfim, é preciso conhecê-lo melhor. O autor é incluído entre os intelectuais engajados do início do século XX, no Brasil, os quais buscavam soluções para o que identificavam como problemas do país através de suas análises. Porém, diferente da maioria, Bomfim encontrava a solução para a nação somente na educação, dentro da qual a História teria o papel fundamental de construtora da própria nacionalidade e educadora cívica.

Manoel Bomfim é um autor definido como político, pensador da história e educador (VENTURA, 2001, p. 240). Formado em Medicina,

Bomfim abandona a sua prática, mas esta deixa uma influência marcante na aparelhagem linguística que pode ser percebida na sua escrita e no seu arsenal conceitual. O autor ganhou destaque a partir de 1905, com a publicação de *América Latina: males de origens* (o parasitismo social e evolução). Nesse livro construía uma visão original sobre os problemas dos países neoibéricos como o Brasil e seus vizinhos.

América Latina... foi escrito em Paris em 1903, nessa obra Bomfim busca criticar a visão negativa sobre a América Latina que encontrara no continente europeu. Seu livro foi uma resposta às teorias raciológicas que condenavam a América Latina ao atraso e à degenerescência pela mistura de raças. Segundo Baggio:

Bomfim considerava que a condenação da América Latina pelos europeus era fruto da ignorância e do interesse em explorar as riquezas do subcontinente. Este juízo condenatório tinha consequência perversa: assimilação, pelos próprios latino-americanos, desta visão negativista e a apropriação de concepções inaplicáveis à nossa história. (BAGGIO, 1998, p. 102-103).

Ao contrário das visões vigentes, Bomfim não diagnosticava os males da América Latina nas raças ou, até mesmo, no clima. O mal era o parasitismo, ou seja, a exploração feita pelas metrópoles coloniais, elites locais e potências imperialistas, sobre as classes trabalhadoras, tomando para si as riquezas que essas últimas produziam, agindo como parasitas do trabalho alheio. Como bem analisaram Sussekind e Ventura, Bomfim parecia definir uma teoria biológica da mais-valia (VENTURA, 2001, p. 243).

Com a obra de 1905, a doença era diagnosticada: parasitismo. Porém ela só causava efeitos morais, totalmente remediáveis segundo o autor: “O remédio está indicado. Eis a conclusão última desta longa demonstração: a necessidade imprescritível de atender-se à instrução popular, se a América Latina quer se salvar.” (BOMFIM, 1993, p. 328-329).

Diagnosticada a doença e o seu remédio, Bomfim não escreverá mais livros na área de História até o final dos anos 20, quando publicará a sua trilogia: *Brasil na América* (1929), *O Brasil na História* (1930) e *O Brasil Nação* (1931), obras nas quais as reflexões sobre a escrita da História e a questão nacional são ampliadas.

Nesse ínterim, o autor pratica o seu engajamento em políticas educacionais e publica a obra de apoio didático *Através do Brasil*, em 1910,

com Olavo Bilac. Nela, os autores narram as aventuras de dois irmãos (Carlos e Alfredo) por diversas regiões do país. Durante o percurso são apresentados personagens regionais, aspectos econômicos, geográficos, históricos e culturais em uma abordagem interdisciplinar dos conteúdos escolares do período, tendo como centro unificador um ensino moral e nacional. A estrutura de romance de viagem é uma metáfora sobre a formação do Brasil como nação, pois nas linhas do texto, junto com o amadurecimento dos personagens, são as características de uma identidade nacional que são traçadas.

Mantendo as posturas já defendidas por Bomfim em 1905, a obra se contrapõe às visões deterministas biologizantes que encontravam apoio de grande parte dos intelectuais brasileiros do início do século XX, pois apresentava a educação como o caminho para um futuro nacional civilizado. *Através do Brasil*, está inserido em um momento no qual os intelectuais brasileiros se questionavam sobre o seu papel na sociedade. Manoel Bomfim e Olavo Bilac tinham a resposta para essa inserção da intelectualidade em um projeto nacional, ela se daria pelo apoio à educação popular.

Entretanto, o que cabe aqui destacar é que se encontra em *Através...* uma sistematização, em uma linguagem literária, das mesmas percepções sobre o Brasil, a nação, a história e a formação populacional que podem ser percebidas em outros momentos da trajetória intelectual de Bomfim. Porém, nessa parceria com Bilac, não são encontradas suas concepções mais radicais, desenvolvidas já no final da vida e principalmente em sua última obra *O Brasil Nação* (1931), na qual, vivendo um momento já um pouco desencantado com os resultados da sua terapêutica educacional, apesar de continuar a defendê-la, Bomfim (1996:569) passava também a dissertar sobre a necessidade de uma revolução nacional popular no Brasil, como um novo remédio para os antigos males.

Ao analisar a obra historiográfica de Bomfim, José Carlos Reis (2003: 499) aponta que: “[...] a interpretação do Brasil em Manoel Bomfim quer ser a favor da nação brasileira, defende os interesses populares contra o parasitismo das elites, propõe uma radicalização democrática contra a tradição secular de espoliação e exclusão da população brasileira do seu próprio país.” Já para Gotijo (2003), Bomfim propunha deslocar o eixo de análise da historiografia nacional, retirando o foco da história universal – que acabara por construir um sentido de história no qual o ápice era a história das nações européias – para as histórias nacionais em suas particularidades.

Assim, Manoel Bomfim trazia para a prática como educador a sua interpretação da história latino americana e brasileira. Afinal estar empenhado em atividades voltadas à educação nada mais era do que se empenhar no tratamento da doença anteriormente diagnosticada, o parasitismo social da classe dominante a partir da colonização da América. Nesse sentido, o educador seria um médico da sociedade.

Porém, na historiografia, Bomfim foi esquecido durante um longo período, só voltando a ser lido durante os anos 90 do século XX, quando suas obras foram reeditadas. A resposta de Reis (2003, 500), ao perguntar-se pelo motivo de ser esse autor pouco discutido, concorda com as análises feitas por Flora Süssekind e Roberto Ventura em texto do final dos anos setenta, de que, apesar das teses de Bomfim serem inovadoras, eram elaboradas em uma linguagem biologicista, o que dificultava a percepção desse seu caráter inovador (VENTURA, 2001). Por sua vez, essa linguagem biologizante não é encontrada nas suas obras didáticas, pode-se aí ponderar sobre os motivos de seu sucesso e repercussão nesse setor.

Já sobre a sua reflexão epistemológica sobre o conhecimento histórico, pode-se concordar com Gotijo (2001,10), que afirma: “Devo ressaltar que a reflexão de Manoel Bomfim não se apresenta como uma teoria da história ou projeto historiográfico organizado em torno de proposições metodológicas sistematizadas.” Apesar disso pode ser percebida uma discussão acerca desse saber e da sua escrita, principalmente na obra *O Brasil na História*, na qual, por meio de uma análise da produção historiográfica sobre o Brasil, Bomfim constrói uma reflexão a respeito de como escrever a história. Segundo Gotijo, para o autor:

O bom historiador seria aquele que valorizasse a tradição brasileira (sendo brasileiro ou não) enaltecendo-a de acordo com certo rigor investigativo. Também seria aquele capaz de reconhecer que a escrita da história era movida por interesses e paixões dos quais não era possível escapar. (GOTIJO, 2001, p. 124)

Em Bomfim, o historiador que buscasse o rigor científico deveria confessar o seu envolvimento, a sua paixão e, conseqüentemente, os seus interesses na escrita da história. Não utilizando uma linguagem de aparente neutralidade, mas que escamotearia os interesses inerentes à elaboração do conhecimento histórico, assim, o historiador explicitaria o seu envolvimento e cumpriria a sua missão de educador cívico, ao invés de prometer uma imparcialidade impossível.

Paixão X autocontrole: diálogos (im)possíveis

Seria preciso, acreditam certos críticos, uma forma impassível, fria e impessoal; para tais gentes, todo argumento perde o caráter científico sem esse verniz de impassibilidade; em compensação, bastaria afetar imparcialidade para ter direito a ser proclamado rigorosamente científico. Pobres almas... Como seria fácil impingir teorias e conclusões sociológicas, destemperando a linguagem e moldando a forma à hipócrita imparcialidade, exigida pelos críticos de curta vista!... Não; prefiro dizer o que penso, com a paixão que o assunto me inspira; paixão nem sempre é cegueira, nem impede o rigor da lógica. (BOMFIM, 1993, p. 38).

A frase acima, faz parte da nota de Advertência logo ao início da obra *América Latina: males de origem*. Nela, Bomfim resume sua percepção de que seria possível um saber científico e apaixonado ao mesmo tempo, pois que, para ele, o engajamento do autor não contrariava a objetividade do conhecimento contanto que os seus interesses fossem localizados (GOTIJO, 2003). Porém, nessa passagem, o autor também critica a forma suposta imparcial apresentada por seus contemporâneos, para quem bastaria o verniz ou a afetação de imparcialidade para serem considerados científicos.

Mais do que isso, Bomfim afirma: “A paixão na linguagem, aqui não dissimulada, traduz a sinceridade com que essas coisas foram escritas e pensadas.” (BOMFIM, 1993, p. 38) Confessar o ângulo da visão do autor sobre o assunto pesquisado seria uma forma de garantir um conhecimento pelo menos sincero? Nesse momento, pode ser percebida toda a dificuldade da análise de Bomfim por uma perspectiva embasada em Norbert Elias, já que para este último, o lugar do pesquisador deve ser um ponto de equilíbrio entre o envolvimento inerente a sua posição de sujeito inserido em um grupo e o distanciamento necessário para não subsumir o outro a ser conhecido. Nesse sentido, o autor compreende que o autocontrole do pesquisador é que ocasionaria um maior controle do processo estudado. (ELIAS, 1998, p. 166).

Assim, Elias destaca que, quando se fala de algo percebido também se está falando de quem percebe, porém essa implicação não pode eclipsar as características do percebido, não pode falar mais sobre o sujeito conhecedor do que sobre o objeto de conhecimento. O pesquisador deveria passar por um processo civilizador de si, para evitar o encobrimento do outro e garantir uma possibilidade de autocontrole dos seus interesses e afetividades. Nas palavras do autor:

A questão que desafia aqueles que estudam algum aspecto dos grupos humanos é a de manter seus dois papéis, de participantes e de pesquisadores, clara e consistentemente separados e, enquanto grupo profissional, estabelecer em seu trabalho a incontestável predominância do último. (ELIAS, 1998, p. 126).

Entretanto, Elias também fornece reflexões que podem auxiliar na análise dos textos de Manoel Bomfim, pois que, para o primeiro, o ponto de partida de qualquer conhecimento é o fundo social de conhecimento disponível em uma dada sociedade: “Não é visão convencional a de que o fundo social do conhecimento disponível em uma sociedade seja o ponto de partida de conhecimento.” (ELIAS, 1998, p. 45). Assim sempre há alguma forma de envolvimento por parte do pesquisador e essa seria uma condição *sine qua non* para a compreensão dos problemas os quais as ciências sociais se propõem estudar.

Com essa percepção da produção de conhecimento, mudariam os padrões de avaliação dos resultados nas ciências sociais. Elas não seriam medidas por noções de falso e verdadeiro herdadas das ciências positivas ou sob a influência do positivismo, mas sim por uma “ [...] maior ou menor medida de verdade, de realidade-congruência de símbolos.” (ELIAS, 1998, p. 156) ou ainda de ajustamento e adequação (ELIAS, 1998, p. 166).

Como Bomfim, Elias também percebe que a concepção de O método científico, que prometia a neutralidade do conhecimento, acabava por mascarar a abordagem envolvida, escondia a impossibilidade da produção de um conhecimento desvincilhado do fundo social e histórico de sua produção.

No mesmo sentido, encontra-se a concepção de história não deturpada para Bomfim, essa não seria uma história neutra, mas sim uma história que não omitisse os interesses do pesquisador, que não os escondesse atrás de uma listagem de nomes e fatos. Segundo Gotijo:

Bomfim utilizou a noção de interesse como perspectiva de análise social. Procurou mostrar como a pretensão à neutralidade e objetividade da ciência era negada pelo emprego não explícito de analogias e metáforas. Ou seja, criticava os procedimentos discursivos da ciência, observando que eles não eram assumidos como tal, sendo camuflados, naturalizados e legitimados como conclusões derivadas de observação e comprovação experimental. (GOTIJO, 2001, p. 114).

Para ambos os autores, o engajamento é inerente à produção do conhecimento, apesar de divergirem na solução da questão. Para Elias esse

envolvimento deve ser controlado, para Bomfim deve ser explicitado. Contudo, tanto um quanto o outro percebem a produção social do conhecimento como um campo de conflitos e oposições e criticam a noção de neutralidade como paradigma de ciência.

Nesse sentido, pode ser percebido que ainda há mais um ponto que aproxima os autores: a não dicotomização entre indivíduo e sociedade. Para Bomfim: “ Indivíduo e sociedade, egoísmo e simpatia, organização e revolução [...] combinam-se na realização da vida social,” (BOMFIM apud GOTIJO, 2001, p. 116). Já para Elias:

Sem dúvida temos consciência, ao mesmo tempo, de que esse abismo entre indivíduos e a sociedade não existe na realidade. Toda sociedade humana consiste em indivíduos distintos e todo indivíduo humano só se humaniza ao aprender a agir, falar e sentir no convívio com outros. A sociedade sem indivíduos ou o indivíduo sem a sociedade é um absurdo. (ELIAS, 1994, 67).

O ser social (e histórico) ensina a sentir e a organizar o pensamento. O engajamento de Bomfim em um projeto nacional e educativo convivia com a sua preocupação com o rigor científico. O seu dilema é o dilema do seu grupo social, para compreendê-lo deve ser compreendido o meio intelectual brasileiro do início do século XX, porém as respostas elaboradas por esse autor continuam destacando-se como originais, discordantes e até surpreendentes.

Referências

AGUIAR, R. C. *O rebelde esquecido: tempo, vida e obra de Manoel Bomfim*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.

BAGGIO, K. G. *A Outra América: a América Latina na visão dos intelectuais brasileiros das primeiras décadas republicanas*. Tese (doutorado) Universidade de São Paulo. São Paulo, 1998.

BILAC, O.; BOMFIM, M. *Através do Brasil: prática da língua portuguesa*. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

BOMFIM, M. *América Latina: males de origem. Parasitismo social e evolução*. 4. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1993.

_____. *O Brasil na América: caracterização da formação brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.

_____. *O Brasil nação: realidade da soberania brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.

BOTELHO, A. *Aprendizado do Brasil: a nação em busca dos seus portadores sociais*. Campinas: UNICAMP, 2002.

ELIAS, N. *A Sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

_____. *Envolvimento e Alienação*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1998.

_____. *O Processo civilizador: formação do estado e da civilização*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993, v. 2.

GOTIJO, R. *Manoel Bomfim (1868-1932) e o Brasil na História*. Niterói: ICFH/Departamento de História, 2001.

_____. Manoel Bomfim, pensador da história na Primeira República. *Revista brasileira de História*. São Paulo, v. 23, n. 45. jul. 2003.

HEINICH, N. *A Sociologia de Norbert Elias*. Bauru: EDUSC, 2001.

NAXARA, M. R. C. *Estrangeiro em sua própria terra: representações do brasileiro 1870/1920*. São Paulo: Annablume, 1998.

OLINTO, B. A. Através do Brasil: identidade e teoria da história (1910). *Analecta*. v. 7, n. 2, jul- dez 2006, p. 77-90.

ORTIZ, R. *Cultura brasileira e identidade nacional*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

REIS, J. C. Manoel Bomfim e a identidade nacional brasileira. In: LOPES, M. A. (org.) *Grandes nomes da história intelectual*. São Paulo: Contexto, 2003.

RODRIGUES, J. H. *História da história do Brasil: a historiografia conservadora*. São Paulo: Nacional, 1978-1988, v. 2., Tomo 1.

SANTOS, C. M.; OLIVA, T. A. As multifaces de Através do Brasil. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 24, n. 48. jul./dez. 2004.

VENTURA, R. Manuel Bomfim: A América Latina males de Origem. In: MOTA, L. D. (org.) *Introdução ao Brasil: um banquete no trópico*. 2. ed. São Paulo: SENAC, 2001.

